

Lugares-comuns e interpretação alegórica: considerações sobre a elaboração da literatura medieval a partir de um roman do século XIV

Jaqueline Silva de Macedo¹

Resumo: Durante a querela entre o rei da França Filipe o Belo (1285-1314) e o papas Bonifácio VIII (1294-1303) e Clemente V (1305-1314), foram produzidos textos que discutiam, em termos gerais, o direito e o dever de sobrepujar o seu adversário em poder como liderança espiritual e material. Um deles é o *Roman de Fauvel*, em sua fase final. Propomos esboçar o teor desta fonte considerando *ostopoi*(lugares-comuns)percorridos por ela. Esta abordagem nos ajuda a analisar o tipo de registro textual e o contexto que possibilitou sua construção na sociedade medieval nos círculos principescos.

Palavras-chave: França medieval. Topoi. Roman de Fauvel.

Abstract: During the conflict between the king of France Philip the Fair (1285-1314) and the popes Boniface VIII (1294-1303) and Clement V (1305-1314), texts has been produced which discussed, in general terms, the right and duty to surpass their adversary in power as spiritual and material leadership. One of them is the *Roman de Fauvel*, in its final phase. We propose to sketch the content of this source considering the common places covered by it. This approach will help us to analyze the type of textual record and the context that allowed its construction in medieval society in princely circles.

Keywords: Medieval France. Topoi. Roman de Fauvel.

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: macedo.js@bol.com.br.

Examinar os vestígios do passado não é tarefa fácil para o historiador. A célebre frase de Certeau, "em história tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira"² continua presente na prática historiográfica atual. É inevitável ainda ao pesquisador recortar o tempo e o espaço a serem analisados, mas também a abordagem que se fará desse documento. Afinal, não é possível um único indivíduo abarcar todas as potencialidades do documento e do fenômeno histórico "escolhido", o que possibilita a contínua renovação dos seus discursos.

É por meio dos vestígios, que não revelam de modo algum imediatamente o passado, mas dependem das perguntas feitas pelo historiador; essa parcialidade, advinda do seu ponto de vista que embora diferente de outros faz chegar a verossimilhança histórica³, que se constrói a interpretação do documento, e para isso, as ferramentas escolhidas que fazem parte da abordagem citada acima é fundamental no exame e elaboração da história.⁴

²CERTEAU, M. A Escrita da história/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes;*revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 81.

³ Recomendamos o artigo Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-180. O micro-historiador perscruta o método indiciário na descoberta do passado através da arte divinatória, da crítica de arte e na solução de crimes relacionando com o método próprio da prática historiográfica sobretudo a partir do século XIX.

⁴Certeau se refere ao exame, a análise como prática, e à escrita, seu resultado, como discurso. A relação da análise com a escrita, uma "produção": CERTEAU, M. A Escrita da história/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes;*revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 32.

Feitas essas ressalvas, o recorte temporal que delimitamos, bem como a seleção de nossas fontes produzem um sentido e nos dão uma certo alívio em vista das inúmeras possibilidades de análises que não somos capazes de abranger em uma dissertação ou tese, menos ainda em um artigo. Nesse viés, nosso objetivo no presente trabalho é esboçar algumas considerações acerca de nossa fonte de pesquisa atual, isto é, o *Roman de Fauvel*, poema produzido entre os anos de 1310 e 1314 na França, atentando para a sua interpretação de acordo com algumas abordagens no que concerne a literatura e história medieval nos auxiliando na compreensão relacional entre *lugares-comuns* e criatividade medieval, além da discussão entre os poderes exercidos pela Igreja e pelo monarca, evitando possíveis equívocos interpretativos.

Para isso, buscamos nas análises de João Adolfo Hansen,⁵ Erich Auerbach,⁶ Ernst Curtius⁷ e Umberto Eco⁸ a interpretação alegórica figural da história realizada no medievo e transposta na literatura. Paul Zumthor⁹ e Halász¹⁰ contribuem à nossa análise no que

⁵ HANSEN, J. A. *Alegoria*. Construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Atual, 1986. HANSEN, J. A. *A sátira e o engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria do Estado da Cultura, 1989.

⁶ AUERBACH, E. *Figura*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

⁷ CURTIUS, E. R. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. Trad. Paulo Ronai e Teodoro Cabral. Col. Clássicos. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

⁸ ECO, U. *Arte e beleza na estética medieval*. Trad. Mario Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2010.

⁹ ZUMTHOR, P. *Essai de lapoétiquemédiévale*. coll. Poétique. Paris: ÉditionsduSeuil, 1972. ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: A "literatura" medieval*. Trad. Amálio Pinheiro (Parte I) e Jerusa Pires Ferreira (Parte II). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

concerne a estrutura do *roman* e sua relação com o autor, bem como Armand Strubel responsável pela última edição do *Roman de Fauvel*.¹¹

Entretanto, não pretendemos uma análise essencialista da fonte e por isso buscamos apoio no contexto que possibilitou a produção do *roman*. Ou seja, o reinado de Filipe o Belo (1285-1314) e a querela que travou com a Igreja no intuito de legitimar o poder laico frente ao espiritual. Por outro lado, não intentamos considerar o *roman* apenas como uma obra circunstancial como nos adverte Strubel.¹² Buscamos nos desvios e "falhas" entre o discurso do documento e os eventos históricos nossa própria interpretação sobre a discussão das esferas de poder do período, o que não pode ser alcançado se ignoramos as normas do feito literário ou os eventos vividos. Assim, perpassamos prioritariamente alguns trabalhos de Jean Favier,¹³ Marcel Pacaut,¹⁴

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

¹⁰ HALÁSZ, K. *Images d'auteurs dans le roman médiéval (XII^e et XIII^e siècles)*. Kossuth Lajos Tudományegyetem: Debrecen, 1992.

¹¹ Utilizamos a edição bilíngue elaborada por Armand Strubel que abrange não apenas o poema, mas as adições feitas posteriormente que trataremos a seguir. Não há tradução do poema em português, por isso os trechos citados aqui terão tradução livre conforme o original. A tradução em francês moderno de Strubel nos auxiliam somente quando houve dúvidas quanto ao melhor termo a ser traduzido para o português. *Le roman de Fauvel*. Édition, traduction et présentation par Armand Strubel. Le livre de poche, 2012.

¹² *Le roman de Fauvel*. Édition, traduction et présentation par Armand Strubel. Le livre de poche, 2012.

¹³ FAVIER, J. *Philippe Le Bel*. Fayard, 1978.

¹⁴ PACAUT, M. *Histoire de lapapauté*. De l'origine au concile de Trente. Fayard, 1976.

Revista Vernáculo n.º 41 – primeiro semestre /2018

ISSN 2317-4021

Walter Ullmann¹⁵ e JulienThéry,¹⁶ porém indicando em nota outros pesquisadores que versam sobre o assunto.

Roman de Fauvel:

Nos últimos cinco anos do reinado de Filipe o Belo (1310-1314) foi escrito por um notário clérigo da chancelaria real um poema satírico em duas partes. O notário Gervais de Bus terminou o primeiro livro em 1310 e o segundo em 1314 conforme o próprio poeta assinou, estratégia comum na Idade Média indicando que o comprador tinha em mãos a obra completa.¹⁷ Os dois livros com 3280¹⁸ versos explora a

¹⁵ ULLMANN, W. *A Short History of the Papacy in the Middle Ages*. London: Taylor & Francis e-Library, 2005.

¹⁶ THÉRY, J. Philippe le Bel, pape en son royaume. *L'histoire*, Sophia Publications, 2004, pp. 14-17. Disponível em <halshs-00219769>. Acesso em 03/ago/2016.; THÉRY, J. Le pionnier de la théocratie royale: Guillaume de Nogaret et les conflits de Philippe le Bel avec la papauté; In: MOREAU, B. (dir.) *Unlangodocien au service de la monarchie capétienne*. Nîmes: Lucie Éditions, 2012, p. 101-128.; THÉRY, J. Les écritures ne peuvent mentir. Note préliminaire pour l'étude des références aux autorités religieuses dans les textes de Guillaume de Nogaret. In: MOREAU, B; THÉRY-ASTRUC, J. (éd). *La royauté capétienne et le Moyen Âge de Guillaume de Nogaret*. Actes du Colloque de Montpellier et Nîmes (29 et 30 novembre 2013), Nîmes: Éditions de la Fenestrelle, 2015, p. 243-248.

¹⁷ CURTIUS, E. R. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. Trad. Paulo Ronai e Teodoro Cabral. Col. Clássicos. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1996. Outros escritos considerados políticos foram produzidos nessa época como a *Disputatio inter clericum et militem* e *Quaestio in utramque partem, além de pequenos versos repreendendo a conduta do papa: Ecclesia navis titubât, regni quia clavis Errât; Rex, Papa, facti sunt unica capa; Haec faciunt do, des, Pilatus hic, alter Herodes*. MAURICE, J. Une satire contre Philippe le Bel et Clément V. In: Bibliothèque de l'école des chartes. 1908, tome 69. pp. 280-281. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373_6237_1908_num_69_1_448336>. Acesso em: 30/abr/2017.

¹⁸ O primeiro livro compõe 1226 versos e o segundo 2054 versos.

versificação octossilábica em rima plana e recorre à *langue d'oil*, falada no norte do reino e aos dialetos próximos para sua composição.¹⁹

No primeiro livro o poeta se restringe à descrição do anti-herói *Fauvel*, um cavalo ambicioso que usa sua natureza enganadora para sair do estábulo onde vivia próximo ao palácio real e se assenta no trono francês como rei submetendo todos os *estats* sociais à sua vontade. À descrição do personagem segue-se a demonstração dessa submissão ao cavalo pelas pessoas do reino não importando sua posição; se clérigo ou laico, independentemente se nobre ou súdito comum, todos estão *bestournés*, bestializados, isto é, todos agem de maneira contrária ao que foi estabelecido por Deus na criação. Os homens que deveriam dominar e ser servidos pelos animais estão se sujeitando a eles. No poema, a sujeição está ligada à bajulação feita pelos humanos em busca de favores concedidos pelo cavalo e nesse sentido o pecado não recai apenas ao animal, mas na ambição própria do homem. As expressões limpar (*torcher*) e esfregar (*froter*) são presentes como *escovar* o dito cavalo.²⁰

Já no segundo livro a atenção se volta não à situação da sociedade no plano material, mas à natureza de *Fortuna* a quem *Fauvel*

¹⁹ O poema octossilábico organiza os versos em oito sílabas fonéticas cada, mantendo dessa forma um ritmo próprio para a atuação do intérprete. A rima plana também tinha o objetivo ornamental e interpretativo, pois, em cada estrofe se organizava os dois primeiros versos com uma determinada rima final e os dois últimos com outra rima. Assim temos logo nos primeiros versos do *roman*: De Fauvel que tantvoitorcher\ Doucement, sanzluiescorcher,\Sui entrezenmerencolie, \Pourcequ'est beste si polie (*Roman de Fauvel*, vv. 1-4, **grifo nosso**).

²⁰*Le roman de Fauvel*. Édition, traduction et présentation par Armand Strubel. Le livre de poche, 2012. vv. 1, 21, et seq.

pretende se casar. O poema começa com uma descrição do assento real, do palácio e da corte de *Fauvel*; segue-se a viagem a Macrocosmo onde *Fortuna* habita e que *Fauvel* aconselhado por sua corte se dirige para pedir a deusa em casamento. A partir da declaração de *Fauvel*, *Fortuna* protagoniza um longo discurso de auto-definição e desprezo por *Fauvel*. Nesse sentido, os versos reclamam uma veia mais filosófica e apocalíptica que o primeiro, embora no fim do livro de 1310 a associação de *Fauvel* com o *Anticristo* se evidencia.²¹

Entre os anos de 1316 e 1318 o poema foi ampliado reunindo além do poema, imagens ilustrando a narrativa, músicas em latim e uma crônica métrica. As adições feitas transformam o poema em um documento com pelo menos o triplo do tamanho contando com mais 2500 versos.²² Também produzido na chancelaria real agora sob o reinado do filho de Filipe IV, Luís X, o manuscrito conhecido como *BnFfr 146* e disponível na Bibliothèque Nationale de France é singular por seu caráter luxuoso ainda que não seja um documento oficial.²³

Há uma certa tradição nas pesquisas no exterior referente a este manuscrito. Se explora os *lais*, os *motets*, a iconografia, e mesmo o

²¹ Segundo as Escrituras, o Anticristo aparecerá na Terra antes da segunda vinda de Jesus, efetuando sinais para enganar a humanidade e se opondo a toda noção de *Deus* para que acreditem que o melhor provém dele, o Anticristo, que na verdade é enviado pelo Diabo. Cf. II Tessalonicenses: 2: 1-17.

²² *Le roman de Fauvel*. Édition, traduction et présentation par Armand Strubel. Le livre de poche, 2012.

²³ *Roman de Fauvel*. Bibliothèque Nationale de France, Gallica. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/m/ark:/12148/btv1b8454675g/f33.item>>. Acesso em: 24/mar/2017.

conjunto das três artes.²⁴ Jean-Claude Mühlethaler é um dos poucos que explora o poema original, dando atenção à sátira do primeiro livro.²⁵ O poema se tornou parte do Bnffr 146 e não o oposto²⁶ e o documento possibilita diversas abordagens para além das apontadas. O próprio perfil político do poema pode ser interpretado tanto como um espelho de príncipe (*regimem principis*) nos moldes de Gilles de Roma como um conselho ao rei (*admonitio regum*) à maneira do manuscrito.²⁷

No Brasil, o poema mais estudado pelos literários e pelos historiadores é o longo *Roman de la Rose* escrito décadas antes do *Roman de Fauvel* e que o influenciou,²⁸ mas sua estrutura poética não se assemelha à sátira densa do nosso *roman*. O *Roman de Fauvel* ainda não foi objeto de estudos historiográficos no Brasil,²⁹ assim, a

²⁴Ver: DILLON, Emma. *Medieval Music-Making and the Roman de Fauvel*. New Perspectives in Music History and Criticism. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2002.; SHEN-WEI, T.H. *Musical “Beastliness” in the Roman de Fauvel (BN fr. 146): Chaillou’s “addicions” and Sensory Danger*. 2010. 233p. Tese (Doutorado em Música). The Honors College, Wesleyan University, 2010.

²⁵ MÜHLETHALER, J-C. *Fauvelaupouvoir*. Lire la satire médiévale. Paris: Champion (Nouvelle bibliothèque du Moyen Âge, 26), 1994.

²⁶*Le roman de Fauvel*. Édition, traduction et présentation par Armand Strubel. Le livre de poche, 2012.

²⁷ Ibidem, 2012.
p. 75-76. *Passim*.

²⁸ O *Roman de la Rose* foi uma das obras mais lidas na Idade Média. Composta por duas partes, a primeira contendo 4058 versos foi escrita por Guillaume de Lorris (1200-1260) em 1225-1235; a segunda escrita entre 1268 e 1285 por Jean de Meun (1240-1304) possui 17.724 versos, ambas as partes em versos octossilábicos. Os personagens do *Roman de la Rose* também são personificações de vícios e virtudes como a Razão, o Amor, o Ciúme e a Inveja, porém, o motivo narrativo da primeira parte é lírica, enquanto a segunda, de autoria de Jean de Meun é satírica.

²⁹ O único trabalho que encontramos no Brasil acerca do *Roman de Fauvel* é a tese de Fernando José Carvalhaes Duarte em 2000 defendido na área de comunicação com Revista Vernáculo n.º 41 – primeiro semestre /2018

oportunidade que temos é de apresentar esse rico documento que ultrapassa à literatura, extremamente importante como cultura, mas que possibilita também uma análise histórica sobre o discurso dos poderes em conflito durante o reinado de Filipe o Belo e a partir de ações do período em que o poema foi escrito. Por isso nosso recorte nos limita a análise do poema produzido entre 1310-1314, não podendo nos estender à coroação de seu filho e às implicações que o reino sofreu e que são trabalhados no ms. 146.

Dessa forma, o poema original nos basta por enquanto como base para traçarmos uma gama de particularidades encontradas na literatura medieval e da maneira como a sociedade e a história eram interpretados pelos homens do período, nos ajudando a não fazermos apenas simples correspondências entre elas, mas buscarmos os desvios nas normas da literatura que nos ajudem a interpretar os fenômenos históricos acerca da legitimação de poderes em fins do século XIII e início do século XIV.

Roman: da diversão ao ensino

O *roman*, assim como outras formas de escrita lúdica (*lais*, as *chansons de geste* e as *ballades*), aparece nas sociedades medievais no mesmo período em que houve a estabilização das universidades, o

ênfase na musicologia do documento. Infelizmente não tivemos acesso ao trabalho, apenas ao resumo disponibilizado pelo banco de teses da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo onde foi elaborada. O silêncio de Fortuna: artefato e performance no Roman de Fauvel. 2000. 319 f. Tese (Doutorado em Comunicação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

Revista Vernáculo n.º 41 – primeiro semestre /2018

ISSN 2317-4021

aumento das viagens por comércio ou peregrinação nas Cruzadas e a consolidação das línguas vernáculas entre os séculos XI e XII.³⁰ Mais que coincidências, esses fatores contribuíram para o aumento da produção textual acadêmica e lúdica e vieram da mesma fonte: as universidades. Ernst Curtius lembra que o exercício poético era estimulado nas escolas elementares e posteriormente à formação universitária. Os clérigos que não conseguissem lugar nos espaços eclesiásticos (abadias, dioceses, etc.), tentavam a sorte nas cortes por meio da poesia ou ainda por meio de doações e favores fora delas.

Por que se escrevia poesia? Porque se aprendia na escola. Um grande número de autores medievais escrevia poesia porque era necessário sabê-la para se apresentar como *clericus* e *litteratus*;³¹ para compor saudações, epitáfios, petições, dedicatórias, assim granjear o favor dos poderosos ou corresponder-se com pessoas de situação igual; também por amor ao vil metal. Pode-se ensinar e aprender a escrever poesias; é trabalho e matérias escolares.³²

³⁰ GAUNT, S., KAY, S. Introduction. In: GAUNT, S., KAY, S (éd). *The Cambridge companion to Medieval french literature*. Cambridge University Press, 2008, p. 13. O *Tratado de Cabreros* em 1206 firmado entre Castela e Leão na língua castelhana, constitui segundo Smith o primeiro documento oficial em vernáculo, sendo assim uma medida de incentivo do poder monárquico: SMITH, C.C. The vernacular. In: ABULAFIA, D. (éd) *The New Cambridge Medieval History*. Vol. V. (1198-1300). Cambridge University Press, 2008, p. 80.

³¹ A distinção entre *litteratus* e *illitteratus* não se referia à capacidade de ler ou não um texto, mas ser versado em textos religiosos ou laicos, nesse sentido, conforme Emma Campbell, os termos *laicus* e *illetteratus* eram sinônimos em alguns documentos: CAMPBELL, E. Clerks and laity. In: GAUNT, S., KAY, S (éd). *The Cambridge companion to Medieval french literature*. Cambridge University Press, 2008, p. 211.

³² CURTIUS, E. R. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. Trad. Paulo Ronai e Teodoro Cabral. Col. Clássicos. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 585-586. *Passim*.

Apesar de não ser considerada uma arte superior³³ e se distanciar da universidade com o fortalecimento da Teologia e da Filosofia e do método escolástico, sendo vista como "mentiras" e "fábulas vãs",³⁴ a poesia reclamava um caráter didático, tornando-se verdade por meio da mentira. Ou seja, através de personagens míticos, símbolos e alegorias, o *roman* pretendia o ensino a quem escutasse nas cortes principescas.³⁵

Entretanto, o caráter pedagógico estava submetido a uma série de estratégias retóricas herdadas da Antiguidade (Virgílio, Estácio, Dícitis e outros) como aponta Curtius.³⁶ Desde a preferência aos versos rimados declamados no lugar de cantados como as *chansons de geste*, à disposição dos versos, do ritmo da poesia, dos *topoi*(lugares-comuns)³⁷ explorados evidenciando ainda a descrição e o diálogo ainda presentes nas *disputatio* universitárias, buscando dessa forma o *ornamento*

³³ ECO, U. *Arte e beleza na estética medieval*. Trad. Mario Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2010, p.223-224. *Passim*.

³⁴ ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: A "literatura" medieval*. Trad. Amálio Pinheiro (Parte I) e Jerusa Pires Ferreira (Parte II). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 268.

³⁵ *Significado, símbolo ou representação* eram sinônimos na Idade Média, a diferença conceitual ganha força a partir da modernidade: HANSEN, J. A. *Alegoria*. Construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Atual, 1986; ECO, U. *Arte e beleza na estética medieval*. Trad. Mario Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2010.

³⁶ CURTIUS, E. R. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. Trad. Paulo Ronai e Teodoro Cabral. Col. Clássicos. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

³⁷ Em grego: τόπος (tópos- lugar). Em latim conhecido como *locus-(i)commun* (lugar comum). A teoria dos lugares-comuns é a *Tópica*.

perfeito do poema na tentativa de convencer o auditório, já que a poesia como retórica, nada mais é que uma "arte de falar".³⁸

O *Roman de Fauvel* não é diferente neste aspecto. Toda as ferramentas retóricas principais disponíveis na época foram percorridas pelo poeta, que de maneira alguma pretendia a originalidade da obra e se portava apenas como um anunciador de fatos, ainda que estes fatos estivessem mascarados por símbolos. A concepção do autor visto como inventor é moderno, no medievo o autor estava associado não apenas a quem escreveu o poema, os *lais*, as *chansons*, etc., mas também para quem o interpretava e ainda quem o acompanhava com instrumentos musicais. Assim, quando falarmos em *autor* neste trabalho, nos referimos ao compositor e ao intérprete do *Roman*.³⁹

O *roman* geralmente se iniciava com um incômodo do poeta em deixar omissos o conhecimento que tinha sobre o assunto e por isso desejava transmiti-lo. Dessa forma, traçava uma espécie de contrato com o auditório, pois informaria a respeito de algo desconhecido por eles. A essa tópica chamada "exordial" seguia-se inúmeras outras como a tópica da modéstia em que o poeta não se achava digno de escrever, mas que no decorrer dos versos se mostrava mestre em desenvolver o assunto; assim como era comum o poema ter um desfecho abrupto.

Para além desses recursos, o poema se valia de *motivos*, isto é, situações impessoais que não foram restritas em um texto com

³⁸ CURTIUS, E. R. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. Trad. Paulo Ronai e Teodoro Cabral. Col. Clássicos. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 103.

³⁹ ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p. 221.

determinados personagens. É o caso do amor inalcançável de uma donzela ou de um cavaleiro que retorna à terra natal após longa viagem. Quando esses motivos tomam forma de poema, crônica, conto, etc, se tornam *temas*. Pires ressalta que os *topoi*, os lugares-comuns, são também temas, no entanto, sua especificidade se constitui em sua permanência em espaços e tempos distintos.⁴⁰ É o caso das autoridades; autores de obras estudadas e debatidas nas universidades eram exploradas nos *romans* como legitimação da verdade do poeta. De maneira mais enfática a autoridade bíblica ratificava a posição do autor, assim como era a base verídica para qualquer debate no medievo. O *Roman de Fauvel* vai buscar nas *Escrituras Sagradas* o respaldo para sua narrativa relacionando sempre o estado atual da sociedade com a última fase da história antes do juízo final, o personagem ao *Anticristo* como já mencionamos, bem como a inaturabilidade das posições exercidas por Fauvele pela Igreja denotando a inversão dos valores, e mais grave, da ordem estabelecida por Deus

O papa está sentado em um assento
Que fora outrora de Pedro, e que agora
é de um vassalo;
Ele olha Fauvel em sua presença,
A quem lhe faz grande reverência
Que esfrega noite e dia
[...]
Saiba que a arca de Noé
Jamais esteve em tão grande perigo,

⁴⁰ PIRES, A. D. Lugares-comuns da lírica ontem e hoje. *Linguagem-Estudos e Pesquisas*, Catalão, vols. 12-11, p.-, 2007, p. 5.

Sob os golpes poderosos de alguma
vaga,
De estar submergida e destruída
Como a barca acima citada,
É a Igreja presente
Que a barca representa.⁴¹

Nos versos citados acima, o poeta lamenta a posição do pontífice outrora líder da Igreja como foi o apóstolo Pedro e, da própria Igreja representada pela arca de Noé descrita no livro de Gênesis. De Gênesis o poeta também extrai a narrativa da criação do mundo relacionando com a posição do rei e da Igreja. Esse tipo de analogia é chamada de *Alegoria tipológica, dos teólogos* ou *in factise* sua tradição remonta às epístolas de Paulo, onde os eventos e pessoas do Antigo Testamento prefiguram eventos e pessoas do Novo Testamento. Nesse sentido, o passado sempre tem uma correspondência com o presente e um pré-conhecimento do futuro, como o juízo final trazido por Deus.⁴²

Assim, Adão, o primeiro homem criado e responsável pelo pecado da humanidade prefigura Jesus, o primeiro homem que trouxe redenção a essa mesma humanidade.⁴³ Da mesma forma, os sacrifícios realizados no Antigo Testamento para a purificação dos pecados prefiguram o sacrifício "perfeito" de Jesus que "tira o pecado do

⁴¹ Le papa se sietensonsiege, /Jadis de Pierr, or de liege; /Fuvelregardeensapresence, /A cuil'enfetgranreverence, /Que l'ontorcheausoir et aumain;[...]Et sachiez que l'archeNoe/ Ne fu onquesen si grantdoute/ Par undenulequitantbout/D'estre noiee et desconfite/ Com lanaceledessus cite, /C'est a direl'iglise presente/Que lanacele represente[...]. Roman de Fauvel, vv. 105-109, 376-382, trad. nossa.

⁴² AUERBACH, E. *Figura*. São Paulo: Editora Ática, 1997, p.15.

⁴³Cf. I Co 15: 45.

mundo".⁴⁴Erich Auerbach, João Adolfo Hansen e Umberto Eco apontam para a frequência dessa interpretação desde a patrística, onde nosso presente está intimamente ligado ao passado bíblico.⁴⁵

Tanto a alegoria dos teólogos como a alegoria dos poetas, (*alegoria in verbis*), pressupõe a correspondência explicativa no próprio poema. Dessa forma, quando Gervais de Bus lembra como Deus criou os astros sol e lua, logo em seguida ele faz a comparação com o poder monárquico e a Igreja, ainda que dê o crédito aos "sábios", retomando uma teoria elaborada pelo papa Inocêncio III (1198-1216), e portanto, outra autoridade no assunto.

Deus fez no início duas grandes tochas,
Cheias de forte e grande luz,
Mas é por diversa matéria.
Uma nomeou sol, a outra lua
Claridade de dia nos dá uma.
É o sol que ilumina o dia,
A lua de noite sem estadia.
Mas o sol, se Deus me ama,
Esteve muito mais alto no firmamento
Que a lua, que está sem dúvida,
Nem ela de claridade gosta
Que o sol nem lhe envia.
Mas Fauvel, que tudo desvia,
Tanto fez que esta luminária
Está toda invertida e ao contrário.
[...]

⁴⁴Cf: Levítico 1, Mateus 27: 35-36, João 1: 29, Hebreus 7: 26, 9:14, Apocalipse 5: 8-9, 12-13.

⁴⁵HANSEN, J. A. *Alegoria*. Construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Atual, 1986. AUERBACH, E. *Figura*. São Paulo: Editora Ática, 1997. ECO, U. *Arte e beleza na estética medieval*. Trad. Mario Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Os sábios que se fundam sob razão
Fazem semelhante comparação
Ao sol do céu o sacerdócio
E à lua colocada abaixo
Comparam o império temporal
A causa do que te quero dizer.

[...]

É neste sentido que Deus dirigiu o poder dos padres
Pois ele o colocou como cabeça da Igreja
E lhe quis criar o poder
De tudo ligar e desligar.
Mas à senhoria temporal
Deus não deu nenhuma soberania

[...]

Assim deve a temporalidade
Obedecer em humildade
À santa Igreja, que é dama,
Que pode ligar corpo e alma.⁴⁶

Na primeira parte temos a explicação de como Deus criou o sol e a lua conforme descrito no primeiro capítulo de Gênesis, logo abaixo o próprio poeta explica como funciona a analogia com a presente sociedade e a obrigação que o poder temporal deve, isto é, o poder exercido pelo laicado ao poder exercido pela Igreja e do mesmo modo por sua cabeça, o papa, representante de Deus na Terra, já que não lhe

⁴⁶*Orentent, tu qui Fauvel torches : /Diexfistau premier .II granstorches, /Plaines de mouîtrès grant lumière, /Mesc'est par diverse manière. /L'une a non soleil, l'autre lune, /Clarté de jours donne l'une : /C'est le soleil qui luit de jour, /La lune de nuit sans jour. Mes le soleil, se Diex m'ament, / Est trop plus haut eu firmament / Que n'est la lune, c'est sans doute, / Ne elle n'a de clarteigoûte / Que le soleil ne li envoie. / Mes Fauvel, quitres tout desvoie, / A tant fait que cest luminaire / Est tout berstorneia contraire. [...]* Li sage fondé sus reson / Font semblable compare son / Ausola il duciel de pretrise, / Et a la lune adessous mise / Comparent tempore l'empire ; / La cause de ce te vuidire. [...]

Einsidoit temporalitei / Obeïrenhumilitei / A sainte Eglise, qui est dame, / Qui peut lier et corps et ame. Roman de Fauvel, vv.401-416, 423-429, 439-444, 463-466, trad. nossa.

foi dado soberania como foi à *Ecclesia*. Em seguida o poeta afirma que embora a ordem tenha sido feita por Deus, o mundo está ao avesso graças à atuação pérfida de *Fauvel*.

Ora, para o ouvinte do poema ter a mesma reação de aversão ao cavalo, o poeta recorre versos antes à definição da besta. Desde o significado de seu nome à sua cor, os *topoi* são outros. Explora-se o bestiário medieval que atribui significado místico a cada animal relacionando-os com as ações humanas, bem como as cores. Assim, o nome *Fauvel* é a junção de duas palavras *faus* e *vel* (falso e véu), designando um caráter de engano escondido por um véu de sinceridade. Mas o nome de acordo com o poema também é o conjunto de *seis damas* formadas pelas iniciais do nome *Fauvel*:

Flatterie - Avarice - Vilanie - Varieté - Envie - Lascheté
F A V V E L⁴⁷

Tais damas nada mais são que *Lisonja*, *Avareza*, *Vileza*, *Inconstância*, *Inveja* e *Covardia*. Seis vícios personificados e que formam a etimologia do nome da besta, recurso muito utilizado na Idade Média,⁴⁸ basta lembramos de Isidoro de Sevilha (560-636) e suas

⁴⁷ A letra V de *Vilanie* corresponde à letra U.

⁴⁸ PASTOUREAU, M. *Une histoire symbolique du MoyenÂge occidental*. ÉditionsSeuil, 2004; STRUBEL, A. (Éd.,trad.) *Le roman de Fauvel*. Le livre de poche, 2012

Etimologiaes.⁴⁹No segundo livro a lista de Vícios personificados é maior devido a descrição da corte de Fauvel que reúne entre outros, a *Sensualidade*, a *Luxúria*, a *Inveja*, a *Detração* e o *Ódio*.⁵⁰ De todo modo, tudo o que se refere ao cavalo *Fauvel* é feito de trapaça e engano, como seu assento, as pinturas que retratam toda a história de *Renard*, a raposa trapaceira famosa na Idade Média, da qual Fauvel tem parentesco,⁵¹além de sua própria cor: *fauve*, significando além de *hipocrisia*,*falsidade*, *mentira*⁵²a cor bege, nem branco nem preto, cor do doente.⁵³No *roman*, o poeta cita Aristóteles quando vai iniciar a descrição de *Fauvel*, lembrando como o filósofo afirmava que os acidentes ajudam na descoberta do ser, ou seja, as características do ser auxiliam na compreensão do que o ser é em seu interior.⁵⁴

⁴⁹ PASTOUREAU, M. *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*. Éditions Seuil, 2004.

⁵⁰*Roman de Fauvel...*, vv. 1424, 1502, 1527, 1543, 1567. No *Roman de la Rose* os vícios e virtudes também são retratados como pessoas como o *Amor* e a *Generosidade* (*Roman de la Rose*, vv. 22, 1127).

⁵¹ O *Roman de Renard* está associado fundamentalmente à crítica contra as ordens franciscanas e mendicantes a partir da querela surgida na Universidade de Paris no século XIII. A raposa como animal astuto vem da tradição grega como Detienne e Vernant analisaram, mas a astúcia explorada nos mitos gregos possuía uma ética diferente da medieval, podendo ser associado ao bem ou ao mal: DETIENNE, M.; VERNANT, J-P. *Métis: As astúcias da inteligência*. São Paulo: Odysseus Editora, 2008. Na Idade Média a trapaça característica de *Renard* está agregado ao mal demoníaco. As ordens mendicantes eram acusadas de se entregarem ao vícios mundanos como a luxúria e a riqueza. *Fauvel* porsua vez, não influencia somente os clérigos -embora grande parte do poema aborde as ações da Igreja-, ele está presente em toda a sociedade, em todos que se deixam enganar pelos vícios.

⁵² VAN DAELE, H. *Petit Dictionnaire de l'Ancien Français*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1939, p. 192.

⁵³ PASTOUREAU, M. *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*. Éditions Seuil, 2004

⁵⁴ *Roman de Fauvel...*, 2012, vv. 176-178.

Com essas informações a respeito do cavalo que no cotidiano dos séculos XI e XII poderia acompanhar o homem em batalhas ou no arado, e que agora no século XIII e XIV sua simbologia lembra os quatro cavalos apocalípticos como nos lembra Denis Hué,⁵⁵ o auditório transita entre divertir-se com os versos e refletir-se sobre suas ações na sociedade, como servo de Deus ou da besta mensageira do Diabo.⁵⁶

Como evidenciamos, a cada traço do *Roman de Fauvel*, os recursos retóricos utilizados pelo poeta eram frequentes, exceto o uso do cavalo em detrimento da raposa como personagem da narrativa. Porém, ao destacarmos alguns trechos do poema e mesmo a síntese da história de *Fauvel*, o conflito entre Igreja e Reino são evidentes e nesse sentido, compreender o que poderia ter motivado a produção de um poema que discutisse exatamente essa frágil relação entre poderes no fim da Idade Média, nos ajuda a compreender o próprio peso destes fenômenos no período.

⁵⁵ HUÉ, D. L'orgueilducheval. In: *Le cheval dans le monde médiéval* [enligne]. Aix en Provence: Presses universitaires de Provence, 1992. Disponível em <<http://books.openedition.org/pup/3331>>. Acesso em: 04/jul/2016. p. 4. No livro de Apocalipse são descritos quatro cavalos cada qual com uma cor: branco, vermelho, preto e amarelo. Cada cavalo simboliza um castigo para a humanidade no fim dos tempos; de crise econômica à guerras, fome, pestes e morte. Cf. Apocalipse, cap. 6 vers. 2-8.

⁵⁶ Roman de Fauvel..., 2012, vv. 1170-1180. Cf. MÜHLETHALER, J-C. Le dévoilement satirique. Texte et image dans le Roman de Fauvel. *Poétique*, 2006/2 (n° 146), p. 165-179. Disponível em <<http://www.cairn.info/revue-poetique-2006-2-page-165.htm>>. Acesso em: 03/nov/2015, p. 166.

Poderes material e espiritual, na mão de quem?

Diversos conflitos emergiram entre as lideranças eclesiásticas e a corte real durante o reinado de Filipe IV, o Belo (1285-1314) da França. Desde a década de 1290 disputas feudais entre o rei da Inglaterra Eduardo I e o rei da França levaram os monarcas à guerra declarada em 1294 sendo custeada com ajuda das taxas cobradas à Igreja por ambos os reis. No mesmo período, disputas entre o bispo da região de Pamiers Bernard Saisset e o conde de Foiximpeliram o papa Bonifácio VIII (1294-1303) e o rei por intermédio de seus juristas a tomarem decisões que iam de encontro às prerrogativas ora do papa, ora do monarca.

Da cobrança de taxas, inadmissível para o papa e repreendida pelas constituições apostólicas *Clericis Laico* (1296) e duas declarações do documento, a *Abolim ante* de 27 de julho de 1297 e a *Etsi de statu* de 31 de julho 1297;⁵⁷ e da disputa pela região de Pamiers, a qual tanto o papa quanto o rei reclamava autoridade jurisdicional, em 1301 o jurista Pierre Flotte elabora um processo contra o bispo acusando-o de traição,

⁵⁷ DIGARD, G; FAUCON, M; THOMAS, A; FAWTIER, R. *Les Registres de Boniface VIII*. Recueildesbulles de ce pape publiées ou analysées d'aprèslesmanuscritsoriginauxdesarchivesduVatican. t. I. Paris: Librairiedesécolesfrançaises d'Athènes et de Rome. 1884, p. 584-585, 941-944. A cobrança de taxas chamadas *dízimos*, em alusão ao pagamento da décima parte da renda do cristão a Deus descrita no Antigo testamento era aceita em situações de emergência como peste, fome e mesmo a guerra, mas com o devido consentimento do papa, o que não ocorreu durante a guerra entre Filipe IV e Eduardo I.

ofensas contra o rei Filipe, simonia, heresia e blasfêmias, o que resultou na excomunhão do conde de Foix por parte de Bonifácio VIII.⁵⁸

A partir desse processo, outros processos foram arquivados. Em 1303 contra o próprio pontífice acusado de simonia, blasfêmia, heresia e idolatria, dois anos após promulgar uma constituição apostólica severa contra o rei: a *Ausculta fili* de 1301 e sobretudo a *Unam Sanctam* de 1302; em 1307 já durante o pontificado de Clemente V (1305-1314)⁵⁹ contra a *Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo de Salomão*, até então considerada inatingível pelo poder laico, em 1309 contra o senescal de Carcasonne acusado de corrupção na administração real e simonia.⁶⁰

As medidas régias desafiavam a autoridade pontifícia na medida em que conduzia os interrogatórios a membros eclesiásticos, o que por lei não era permitido, sendo reservado ao rei apenas a execução

⁵⁸ PACAUT, M. *Histoire de lapapauté*. De l'origine au concile de Trente. Fayard, 1976, p. 272. ULLMANN, W. *A Short History of the Papacy in the Middle Ages*. London: Taylor & Francis e-Library, 2005, p. 178-179. *Passim*. THÉRY, J. Philippe le Bel, pape en son royaume. *L'histoire*, Sophia Publications, 2004, pp. 14-17. Disponível em <halshs-00219769>. Acesso em 03/ago/2016, p. 16.

⁵⁹ Bonifácio VIII morre em 1303 rodeado por escândalos e conflitos com a família Colonna apoiada por Guillaume de Nogaret, jurista real. As famílias Colonna e Orsini eram rivais não somente nas comunidades de Roma, mas na própria Curia. O cardeal Benoît Caetanin futuro Bonifácio VIII foi eleito em 1294 após a renúncia de Celestino V também com votos dos Colonna, mas as decisões tomadas enquanto pontífice multiplicaram os descontentamento por parte da família: anulação de cargos estabelecidos pelo papa anterior, nepotismo e conservadorismo, tomada de regiões e privilégios antes concedidos à família: PACAUT, M. *Histoire de lapapauté*. De l'origine au concile de Trente. Fayard, 1976. FAVIER, J. *Philippe Le Bel*. Fayard, 1978.

⁶⁰ THÉRY, J. Philippe le Bel, pape en son royaume. *L'histoire*, Sophia Publications, 2004. pp. 14-17.

da decisão tomada pelo papa. Por outro lado, o rei legitimava suas ações através das *Escrituras Sagradas* ao se colocar como liderança não somente material do reino, mas também espiritual a partir do momento em que o líder da Igreja não se encontrava em condições de conduzir o povo devido seus próprios pecados.⁶¹

Em 1305 durante um encontro com Filipe IV em Lyon, cidade "recentemente integrada ao reino", Clemente V foi coroado. Devido as negociações com o rei sobre continuar o processo contra Bonifácio VIII, Clemente permanece na França até 1309, ano em que se realizou o concílio de Viena e o ano em que o papa se estabeleceu em Avinhão como uma região provisória, mas que se fixa permanentemente em 1313. A partir de então os pontífices não se instalaram mais em Roma até 1377.⁶²

Infelizmente não poderemos aqui discorrer sobre toda a tradição que as esferas de poder possui na história ocidental.⁶³ Ressaltamos no entanto, que sua complexidade está presente desde as primeiras interpretações das passagens bíblicas de Pedro 2: 13-14⁶⁴ e

⁶¹Ibidem.

⁶² PACAUT, M. *Histoire de lapapauté*. De l'origine au concile de Trente. Fayard, 1976, p 278-279. *Passim*. Este período ficou conhecido como *Cativeiro de Avinhão* ou *Cativeiro da Babilônia*, em alusão aos setenta anos em que o povo de Israel ficou cativo na Babilônia descrito no Antigo Testamento.

⁶³ Recomendamos: PACAUT, M. *Histoire de lapapauté*. De l'origine au concile de Trente. Fayard, 1976; WATT, J. A. *Pouvoir spirituel et pouvoir temporel*. In: BURNS, J. H. (Éd.) *Histoire de lapensée politique médiévale*. 350-1450. Éd. langue française par Jacques Ménard. Presses Universitaires de France, 1993.

⁶⁴ "Sujeitai-vos, pois, à toda ordenação humana por amor do Senhor; quer ao rei, como superior; quer aos governadores, como por ele enviados para castigos dos malfeitores e para louvor dos que fazem o bem"

Mateus 16:18-19⁶⁵ durante a Alta Idade Média. Porém, como Marcel Pacaut evidencia, as lutas protagonizadas pela Igreja e pelo império e mais tarde pela Igreja e pelos reis ultrapassaram o campo teórico. Basta lembrardareforma gregoriana (século XII) em que o programa de reestruturação da Igreja intentavade maneira inevitável a reforma da própria sociedade por meio de uma cristianização ortodóxica mais intensa, bem como por meioda liberdade da Igreja sem interferência do laicado em investiduras do papa, tribunais eclesiásticos, tomada de bens, etc. No entanto, a reforma se efetivava na medida em que as decisões eram tomadas e posteriormente registradas como documentos, como a *DictatusPapae* de Gregório VII.⁶⁶ Durante os século XIII com Inocêncio III (1198-1216) e Inocêncio IV (1243- 1254) continuaram as reformas e influenciaram Bonifácio VIII sobretudo na bula *UnamSanctam*(1302) em que defende a sociedade, representada pela Igreja como detentora de uma única cabeça, o papa, vigário de Cristo e não possuidora de duas cabeças como um *monstro*.⁶⁷

Quando os dois livros do *Roman de Fauvel* foram finalizados em 1310 e 1314, já não havia dúvidas de quem liderava o *corpo*

⁶⁵ Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.

⁶⁶ PACAUT, M. *Histoire de lapapauté*. De l'origine au concile de Trente. Fayard, 1976, p. 127-133. *Passim*.

⁶⁷ BARBOSA, J. M.; SOUZA, J. A. de C. R. de. *O reino de Deus e o reino dos homens*: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da reforma gregoriana à João Quidort). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 155.

social.⁶⁸ O rei foi agraciado por Deus para destruir a *Ordem do Templo* que estava envenenada com tantos pecados: simonia, idolatria, heresia, blasfêmia, sodomia como o *roman* aponta.⁶⁹ Os últimos membros da Ordem a serem condenados e executados foram os altos dignitários Jacques de Molay, Geoffroy de Charnay e o comendador da Normandia em 1314.

Por outro lado, a Igreja e o representante de Cristo, o papa, ainda devem ser vistos como o guia das almas. No *roman* as posições invertidas demonstram nitidamente a inversão da ordem estabelecida divinamente. É papel da *Fortuna* no segundo livro esclarecer à besta que ela atua na disposição da sorte e do azar e que por isso mesmo a inversão das posições causada por *Fauvel* foi permissão dela e sobretudo de Deus.

O poeta recorre à *Fortuna* descrita por Boécio no século IV reiterando mais uma vez a autoridade acadêmica⁷⁰ e o *topoi* da roda da fortuna onde tudo está em constante mudança, nada estará sempre bem ou sempre ruim para lembrar ao ouvinte que a história já foi escrita. Deus no juízo final julgará todas as ações dos homens e em seguida o

⁶⁸ Uma das tradições medievais consideravam a sociedade com um corpo místico onde cada indivíduo exercia uma determinada função pré-determinada por Deus para o bom andamento do conjunto social.

⁶⁹ Roman de Fauvel..., 2012, vv. 277-278, 930-938, 955-959. Sobre os templários ver: HAAG, M. *The templars. History & myth*. From solomon's Temple to the Freemasons, a guide to Temple History, Culture and Locations. HarperCollins Publishers Inc, 2009.

⁷⁰ BOETHIUS, A, M, S. *The consolation of philosophy*. Trad. David R. Slavitt. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts London, England, 2008.

Anticristo e o Diabo, e para os fiéis a felicidade eterna está garantida; basta que o ouvinte seja um desses fiéis.

Assim, o *roman* lembra que *Fortuna* é apresentada como uma bela dama possuidora de duas coroas e duas rodas. Quanto às rodas que são de tamanhos distintos, elas são responsáveis pelo mundo girar, a menor que gira rápido é para os malfeitores que caem depressa e a maior que gira lentamente para a ajuda dos bons.⁷¹

No entanto, *Fortuna* também possui dois rostos que *Fauvel* enquanto se declara falsamente não consegue enxergar, mas no momento em que *Fortuna* começa a respondê-lo os dois são perceptíveis. O autor busca reunir no *De consolatione*, o livro mais lido depois da Bíblia e da Regra de São Bento durante a Idade Média essa dupla face.⁷² É também por meio da tradição de Boécio citada no texto que *Fortuna* elogiará não somente o filósofo, chamando-o de sábio como também a *Filosofia*. Mas ao descrever a ordenação do mundo, *Fortuna* deixa claro que ela apenas conduz o mundo, governa a partir das escolhas feitas pelo homem:

E, também como eu disse, eu conduzo
A esfera do céu mais soberano.
De sorte que por mim são dispostos

⁷¹*Roman de Fauvel*, 2012, vv. 2717- 2774. A primeira coroa de aparência boa contém espinhos em seu interior embora não se perceba, machuca quem a usa. A outra parece vil e suja, mas interiormente possui esmeraldas verdes. *Fortuna* explica que a primeira é usada por quem está preso às aparências dos prazeres mundanos, a segunda é a dos pobres que esperançosos aguardam a justiça de Deus.

⁷² GILSON, E. *A Filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Todas as coisas do mundo nascidas
Pois planetas, sol e lua,
O céu e estrela cada uma
Têm por mim, verdadeira sentença,
Grande virtude por sua influência
Sobre as coisas embaixo, da terra,
De modo que umas se são miseráveis,
E as outras ricas e belas,
Segundo o giro das minhas rodas,
Com o olhar dos planetas,
De quem para umas são meigas,
E as outras ásperas e duras,
Segundo suas diversas naturezas,
Que ele [Deus] influencia
diversamente...⁷³

Neste ponto, a ordenação do universo chamado de Macrocosmo na narrativa, é o centro da explicação da superioridade divina. No primeiro livro o fio condutor se fecha nas relações sociais dos homens, aqui percebemos uma anterioridade dessa disposição terrena pelo domínio de Deus sobre o mundo para então transpor essa dominação nas escolhas do homem e das consequências por elas produzidas, isto é, o destino final da humanidade após o fim do mundo.

A personagem *Fortuna* enfatiza que garantiro movimento no mundo faz parte de sua responsabilidade até que chegue ao seu fim

⁷³ "Et, aussi com j'édit, jemaine/L'espèreducielplussouveraine./Si que par moysondisposées/Toutezchosedu monde neez; /Carplanetez, soleil et lune,/Le ciel et estellechescune/Ont par moy, c'estvraiesentence,/Grant vertu par leurinfluence/Surleschosed de terre bassez,/Si que lesunez si sontlassez,/Et lesautresrichez et bellez, /Selonle tour de mesroelez,/Avecleregarddesplanetez,/De quoilesunezsontdoucetez,/Et lesautresaspres et durez,/Selonleurdiversesnaturesz,/Qu'ilinfluentdiversement". *Roman de Fauvel...*, 2012, vv. 2545- 2561, trad. nossa.

determinado por Deus.⁷⁴Dito de outro modo, ela nada mais é que a *Providência divina*, também chamada de *Destino*, *Aventura* e *Fortuna*.⁷⁵Ela é filha de Deus que criou o mundo com *Sabedoria* (Sapience),⁷⁶ sua filha mais nova. Mas cabe aos homens traçar o destino aprazível através da obediência às autoridades temporais e espirituais, da humildade, do sofrimento, da paciência e da esperança durante sua vida na terra. Pois, os bens que os aguardam no futuro não são perecíveis.

O poeta demonstra por fim através da fala de *Fortuna*, a real natureza de *Fauvele* que ele também faz parte de um plano maior e obedece por sua vontade ou não, uma lei superior determinada por Deus, o julgamento final, pois ele é a personificação do mal, mensageiro do *Anticristo*, ligação direta com o Diabo⁷⁷ retomando a os últimos versos do primeiro livro. Assim, é necessário que *Fauvel* reine por mais um tempo até que ele, *seu pai* (o Diabo), e todas as pessoas que o seguiram sejam condenados.⁷⁸

O *roman* termina com a proposta de *Fortuna* aceita por *Fauvel* para que ele se case com *Vã Glória* que fica aos pés de sua Roda. Há

⁷⁴ Ibidem, vv. 2233-2250.

⁷⁵ Ibidem, vv. 2254-2286.

⁷⁶ Ibidem, vv. 2201- 2211.

⁷⁷ Ibidem, vv. 3121- 3127. Na Bíblia o Anticristo aparecerá na Terra antes da segunda vinda de Jesus, efetuando sinais para enganar a humanidade e se opondo a toda noção de *Deus* para que acreditem que o melhor provém do Anticristo que na verdade é enviado pelo Diabo. Cf. II Tessalonicenses: 2: 1-17.

⁷⁸ *Roman de Fauvel...*2012, vv. 3139- 3148.

um suntuoso casamento e pouco depois a multiplicação de *faveaux*, filhos de *Fauvel* para a destruição do *jardim de França*, o reino francês.

Podemos observar que o poeta ao criticar a sociedade com todos os seus erros e vícios oscila entre a amargura da situação que presencia, tentando mostrar ao auditório a verdadeira face de *Fauvel* e dos homens, e, a esperança de um futuro já estabelecido. Apesar do diálogo com a fé, o poema atua como texto político ao buscar nos eventos contemporâneos os argumentos necessários para o desenvolvimento de sua narrativa ao mesmo tempo que se apropria de elementos retóricos consagrados como os *topoi* para divertir o público, sempre transitando entre a reflexão e a diversão, sendo a reescritura de lugares-comuns, símbolos e autoridades juntamente a maneira possível do poeta exercer uma criatividade na literatura durante a Idade Média, embora não a buscasse como objetivo artístico.

Considerações finais

Mais que compararmos versos e fatos políticos entre o *Roman de Fauvel* e o reinado de Filipe IV, o Belo, procuramos neste trabalho através da leitura literária e histórica alegórica esboçar algumas considerações acerca do *roman* escrito no início do século XIV que compartilha com outros registros de expressão⁷⁹ não apenas instrumentos retóricos para compor histórias e canções que divertissem

⁷⁹ MÜHLETHALER, J-C. Le dévoilementsatirique. Texte et imagedansle Roman de Fauvel. *Poétique*, 2006/2 (n° 146), p. 165.

o auditório, mas por meio de uma interpretação da própria História justificavam a elaboração de suas obras, alicerçados sobre uma base forte de autoridade acadêmica como Boécio ou mais crível ainda, de autoridade bíblica.

Por isso a grande recorrência de comparações entre a sociedade contemporânea e um passado registrado nas *Escrituras* que prefigurem esse presente e dando uma certa segurança acerca do que o futuro reserva porque também registrado, o que podemos ver por meio da comparação entre os astros sol e lua e Igreja e reino.

Além da interpretação tipológica de longa tradição, outras ferramentas ajudavam os homens e mulheres a interpretar seu mundo: os nomes, as cores e os animais são apenas alguns dos elementos imbuídos de significados no medievo e que se acreditava poder conhecer a essência do ser, aprendizado vindo de Aristóteles e também abordado no *Roman de Fauvel*.

Por fim, tentamos mostrar embora também de maneira sucinta, que o *Roman de Fauvel* e por conseguinte outros *romans* como o *Roman de La Rose* e o *Roman de Renard*, além de outros registros lúdicos tinham em comum a comunicação de técnicas: retórica, teológica, política e histórica, não podendo ser isolados pelo pesquisador.

Fontes:

DIGARD, G; FAUCON, M; THOMAS, A; FAWTIER, R. *Les Registres de Boniface VIII*. Recueildesbulles de ce pape publiées ou analysées d'aprèslesmanuscritsoriginauxdesarchivesduVatican. t. I. Paris: Librairiedesécolesfrançaises d'Athènes et de Rome. 1884.

Le roman de Fauvel. Édition, traductionetprésentation par Armand Strubel. Le livre de poche, 2012.

Referências:

AUERBACH, E. *Figura*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

BOETHIUS, A, M, S. *The consolation of philosophy*. Trad. David R. Slavitt. Havard University Press. Cambridge, Massachusetts London, England, 2008.

CAMPBELL, E. Clerks and laity. In: GAUNT, S., KAY, S (éd). *The Cambridge companion to Medieval french literature*. Cambridge University Press, 2008.

CERTEAU, M. A Escrita da história/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes;revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CURTIUS, E. R. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. Trad. Paulo Ronai e Teodoro Cabral. Col. Clássicos. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

DETIENNE, M.; VERNANT, J-P. *Métis: As astúcias da inteligência*. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

ECO, U. *Arte e beleza na estética medieval*. Trad. Mario Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2010.

DILLON, Emma. *Medieval Music-Making and the Roman de Fauvel*. New Perspectives in Music History and Criticism. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2002

FAVIER, J. *Philippe Le Bel*. Fayard, 1978.

GILSON, E. *A Filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HAAG, M. *The templars. History&myth*. From solomon's Temple to the Freemasons, a guideto Temple History, Culture and Locations. Harper Collins PublishersInc, 2009.

HANSEN, J. A. *Alegoria*. Construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Atual, 1986.

_____. *A sátira e o engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria do Estado da Cultura, 1989.

HUÉ, D. L'orgueilducheval. In: *Le cheval dans le monde médiéval* [enligne]. Aix en Provence: Presses universitaires de Provence, 1992. Disponível em <<http://books.openedition.org/pup/3331>>. Acesso em: 04/jul/2016. p. 257-276.

MAURICE, J. Une satire contre Philippe le Belet Clément V. In: Bibliothèque de l'école des chartes. 1908, tome 69. pp. 280-281. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6237_1908_num_69_1_448336>. Acesso em: 30/abr/2017.

MÜHLETHALER, J-C. *Fauvel au pouvoir*. Lire la satire médiévale. Paris: Champion (Nouvelle bibliothèque du Moyen Âge, 26), 1994.

_____. Le dévoilement satirique. Texte et image dans le Roman de Fauvel. *Poétique* 2006/2 (n° 146), p. 165-179. Disponível

em<<http://www.cairn.info/revue-poetique-2006-2-page-165.htm>>. Acesso em: 03/nov/2015.

PACAUT, M. *Histoire de lapapauté*. De l'origine au concile de Trente. Fayard, 1976.

PASTOUREAU, M. *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*. Éditions Seuil, 2004.

PIRES, A. D. Lugares-comuns da lírica ontem e hoje. *Linguagem-Estudos e Pesquisas*, Catalão, vols. 12-11, p.-, 2007.

SHEN-WEI, T.H. *Musical "Beastliness" in the Roman de Fauvel (BN fr. 146): Chaillou's "additions" and Sensory Danger*. 2010. 233p. Tese (Doutorado em Música). The Honors College, Wesleyan University, 2010.

SMITH, C.C. The vernacular. In: ABULAFIA, D. (éd) *The New Cambridge Medieval History*. Vol. V. (1198-1300). Cambridge University Press, 2008.

THÉRY, J. Philippe le Bel, pape en son royaume. *L'histoire*, Sophia Publications, 2004, pp. 14-17. Disponível em <halshs-00219769>. Acesso em 03/ago/2016.

ULLMANN, W. *A Short History of the Papacy in the Middle Ages*. London: Taylor & Francis e-Library, 2005.

VAN DAELE, H. *Petit Dictionnaire de l'Ancien Français*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1939.

WATT, J. A. Pouvoir spirituel e pouvoir temporel. In: BURNS, J. H. (Éd.) *Histoire de la pensée politique médiévale*. 350-1450. Éd. langue française par Jacques Ménard. Presses Universitaires de France, 1993.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: A "literatura" medieval*. Trad. Amálio Pinheiro (Parte I) e Jerusa Pires Ferreira (Parte II). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

Recebido em 01/06/2017, aceito para publicação em 26/07/2017.